

FINISTRUM



Luciano Milici

VEJA TAMBÉM ESTE RELATO

 YOUTUBE (EM VÍDEO)



 SPOTIFY (FREQUÊNCIA SETEALÉM)







 DOWNLOAD



AJUDE A ESPALHAR A PALAVRA
COMPARTILHE ESTE ARQUIVO

SETEALÉM

A GENTE TROUXE O HORROR DE VOLTA

WWW.SETELEM.COM.BR

O conteúdo presente nesta publicação incluindo, mas não se limitando a relatos, histórias, contos, argumentos, poesias, desenhos, conceitos, ideias, personagens, locais e etc são de inteira responsabilidade e direitos de Luciano Milici e/ou dos relatantes. Nenhum conteúdo desta revista pode ser copiado ou reproduzido integral ou parcialmente por quaisquer mídias existentes, pré-existentes ou futuras sem autorização por escrita de Luciano Milici.

As marcas Setealém®, Se7ealém®, 7 Além® e Sete Além®, seus conceitos, personagens e universo expandido tem os direitos autorais protegidos e resguardados a Luciano Milici, não podendo ser utilizados sem autorização prévia e por escrito do autor. É expressamente vedado o uso para quaisquer meios literários (de qualquer gênero, tamanho ou finalidade), musicais, artísticos, Filmes (de qualquer metragem), Séries, Mini-séries, Web-Séries, HQs, Games, Jogos de Tabuleiro, Grupos Artísticos ou Musicais, Empresas, Brinquedos, Produtos Licenciados, Novelas, Produtos Audiovisuais, Eletrônicos, Impressos, Digitais, Utilizando ou não inteligência artificial, ficcionais ou não. Se você encontrar algum tipo de venda ou distribuição irregular, DENUNCIE.

Os relatos constantes nessa publicação foram autorizados exclusivamente para o uso de Luciano Milici. Qualquer semelhança com qualquer acontecimento ou nome citado é mera coincidência.



www.setealem.com.br

Boa madrugada, Luciano, Alminha e inscritos no canal.

Vou contar meu relato e já adianto a vocês que parte das pessoas não vai acreditar, mas, outra parte não só acreditará como vai se lembrar que tudo isso ocorreu mesmo.

Meu nome é Samanta, tenho 23 anos e sou de São Paulo. Minha rotina é bem movimentada. Pela manhã, vou para a Av. Paulista, onde estudo até o meio da tarde. Depois das aulas, dou uma passada na academia para me exercitar. Moro com meus pais e minha irmã mais nova, Maria Beatriz, que tem 16 anos.

Tenho um grupo de amigas incríveis, mas as duas que estão sempre comigo são a Priscila e a Bárbara. Nós adoramos sair juntas e aproveitar a cidade. Além disso, tenho um companheiro de quatro patas em casa, meu cachorro, que alegra meus dias com sua energia.

Nos finais de semana, gosto de relaxar e recarregar as energias no Parque do Ibirapuera. É um lugar incrível para passear, jogar vôlei ou simplesmente curtir a natureza.

Ah, e uma das minhas paixões é ler. Adoro revirar os sebos da região da Paulista em busca de revistas e livros antigos. É sempre uma aventura encontrar tesouros escondidos entre as prateleiras empoeiradas. Sei que você também aprecia isso, não é, Luciano?

Naquele dia, decidi sair um pouco mais cedo das aulas e dei um pulinho até a banca, perto da rua Haddock Lobo. Enquanto olhava as revistas, algo chamou minha atenção: uma delas estava coberta por um saco preto, como se escondesse algo mais...picante.

Não me interessei muito por aquilo, então a deixei de lado e peguei uma revista de programação, voltada para uma linguagem que eu aprecio. Prefiro me manter focada nos meus estudos e hobbies mais construtivos. Aquela revista misteriosa não era para mim.

Ao entrar no metrô, percebi que tinha comprado as duas revistas por engano. Acho que o jornaleiro a colocou na minha sacola, não sei. Ao abrir aquela que estava envolta no saco preto, minha curiosidade foi despertada. A capa não revelava nada de especial, apenas a fotografia de uma parede velha e suja, com azulejos quebrados e manchados. Estranhamente, aquela imagem causou um mal-estar, uma sensação desagradável que me fez arrepiar.

O nome da revista, "FINISTRUM", parecia enigmático. Eu não consegui evitar a sensação de que algo estava errado com aquilo. Por que uma revista aparentemente comum teria uma capa tão perturbadora? intrigada, decidi folheá-la para descobrir mais sobre seu conteúdo.

Folhee a revista "Finistrum" e fiquei perplexa com o conteúdo. Eram páginas repletas de imagens sombrias e perturbadoras de localidades abandonadas, sujas e esquecidas. Cada imagem vinha acompanhada de poucas palavras ou frases, mas o suficiente para intensificar a atmosfera sinistra que emanava da revista.



plurimusco

Em uma página, deparei-me com a imagem em preto e branco de uma boneca quebrada, largada em um terreno baldio, com a palavra "PLURIMUSCO" escrita abaixo. A sensação que aquela imagem transmitia era de desolação e abandono.

Outra página mostrava uma xícara quebrada sobre uma mesa velha e infestada de moscas, com a palavra "MAGNOLATUS". Aquela imagem era repugnante e o termo associado a ela só aumentava a estranheza do conjunto.

A revista Finistrum despertava em mim uma mistura de fascínio e inquietação. Eu me perguntava qual seria o significado por trás daqueles enigmáticos termos e imagens.

Enquanto folheava a revista, uma sensação estranha tomou conta de mim. Era como se meus dedos estivessem sendo arrastados pelas páginas por ganchos invisíveis, e meus olhos estivessem presos às imagens de forma inescapável. Tentei piscar, mas não conseguia. Meus olhos lacrimejavam e uma sensação de desespero começou a se instalar em mim.

As palavras escritas abaixo das imagens não eram lidas, mas sim sentidas. Elas penetravam minha mente como ganchos afiados, causando dor e agonia. "Solvexus", "Auramentum", "Vincilux", "Veridusco", "Temporatio", "Lucidatus", "Celestialium", "Malgaroth", "Nefralyx" e outras mais ecoavam em minha cabeça, como um mantra perturbador.

Eu me sentia aprisionada naquela experiência angustiante, incapaz de pedir ajuda ou me libertar da influência opressiva daquela revista misteriosa. Era como se estivesse presa em um pesadelo do qual não conseguia acordar.

Enquanto continuava a folhear a revista, percebi que me demorava exatamente um minuto em cada página, como se fosse o tempo necessário para algo se instalar em minha mente. Era como se uma programação obscura estivesse sendo gravada em meu cérebro, cada imagem e palavra sendo cuidadosamente inserida, como se estivessem se enraizando dentro de mim.

À medida que meus olhos passavam por cada página, uma sensação perturbadora tomava conta de mim. A imagem vista se tornava branca, como se toda a sua essência tivesse sido absorvida por minha mente, e então eu passava para a próxima página, sem poder resistir.

Enquanto isso acontecia, meus pensamentos pareciam ser invadidos por vozes diversas, falando em idiomas desconhecidos e em timbres estranhos. Eram como murmúrios vindos de além da compreensão humana, ecoando em minha mente e me deixando ainda mais inquieta e apreensiva. A sensação de estar perdendo o controle sobre mim mesma era avassaladora.

magnolatus



O solavanco repentino no metrô me tirou do transe induzido pela revista, e as luzes se apagaram completamente. Meu coração disparou de pavor quando me levantei, tentando entender o que estava acontecendo. Mesmo na escuridão, meus olhos pareciam se adaptar, e pude distinguir que não estava mais no metrô.

O ambiente ao meu redor era assustador. Eu estava em um quarto sujo, quebrado e velho, com paredes descascadas e um colchão queimado e mofado encostado em um canto. O cheiro de urina e fezes era forte e repugnante e as moscas zumbiam ao meu redor, acrescentando um toque macabro à cena.

Um arrepio percorreu minha espinha e o medo começou a me dominar. Como eu havia parado ali? O que estava acontecendo? As imagens da revista "finistrum" ecoavam em minha mente, e eu temia que aquilo tudo estivesse relacionado de alguma forma. Desesperada, comecei a buscar por uma saída, implorando para que aquilo fosse apenas um terrível pesadelo do qual eu pudesse acordar a qualquer momento.

Com o coração disparado, meus olhos se fixaram na porta do quarto, uma porta velha de madeira podre, como se fosse a minha única esperança de escapar daquele lugar sinistro. O arame improvisado no lugar da maçaneta parecia quase surreal, mas eu não tinha tempo para questionar. Com as mãos trêmulas, puxei a porta com toda a força que consegui reunir.

À medida que a porta rangia ao se abrir, um ar gelado e úmido invadia o ambiente, fazendo-me estremecer. Eu sabia que algo de terrível estava acontecendo, mas minha mente estava turva, incapaz de raciocinar claramente diante da situação surreal em que me encontrava.

Perguntas ecoavam em minha mente em meio ao caos: o que havia acontecido no metrô? O que havia acontecido com o mundo lá fora? Seria tudo apenas um terrível pesadelo do qual eu logo acordaria? Eu me agarrei à esperança de que tudo não passasse de uma ilusão, mas a sensação de realidade ao meu redor era avassaladora demais para ser ignorada.

Assim que a porta se abriu, me vi diante de um corredor tão deteriorado e infestado quanto o quarto onde estava. A luz, embora fraca, era suficiente para iluminar o caminho à minha frente. As paredes desgastadas, algumas sem reboco, outras pichadas com símbolos desconhecidos, pareciam conduzir meu destino até uma escada de madeira à frente, sem corrimão.

O corredor levava a uma escada. Arrisquei e acelerei até lá. Sem hesitar, deixei o medo guiar meus passos enquanto descia as escadas o mais rápido que pude. Não havia espaço para sutilezas, apenas o impulso desesperado de fugir daquele pesadelo que se desenrolava diante de mim. Cada rangido da escada ecoava como um grito de alerta em meu ouvido, intensificando meu terror e impulsionando-me em direção ao desconhecido que aguardava lá embaixo.

solvexus



Ao entrar na sala, me deparei com um cenário desolador. No centro, uma mesa de madeira estava ocupada por um casal que parecia ter sido arrancado de um conto de horror. Vestiam-se precariamente, com roupas velhas de algodão cru, sujas e rasgadas. Seus corpos magros e frágeis pareciam doentes e maltratados, envelhecidos muito além de sua idade aparente. Seus cabelos sujos e desgrenhados adicionavam uma aura de desespero à sua aparência desoladora.

Ao me ver, o casal sentiu-se incomodado, mas, aparentemente, esperavam por mim. A mulher do casal olhou para mim com rancor e falou algo assim: “Você veio, né sua desgraçada?”.

Eu ignorei a grosseria dela e perguntei onde eu estava e, desta vez, o homem falou: “Cê tá em casa, filha”. Sim, Luciano, por mais estranho que isso possa parecer, eles eram os meus pais.

Estavam em condições e aparência horríveis. Tentei me aproximar e falei “mamãe”, mas a minha mãe pegou um talher torto e velho na mesa e apontou pra mim, me ameaçando. Ela disse que se eu me aproximasse, ela ia me furar.

O choque me atingiu como uma avalanche quando percebi a verdade assustadora: aquela sala, aquele casal miserável, eram parte do meu mundo, da minha própria casa. Uma onda de horror e confusão me dominou enquanto eu tentava assimilar o que estava acontecendo.

Como eu poderia estar ali, naquela situação desesperadora, quando momentos antes estava na segurança do metrô? o que havia acontecido para que tudo mudasse tão drasticamente? questões sem resposta rodopiavam em minha mente, alimentando o medo que crescia dentro de mim.

eu sabia que algo terrível havia acontecido, algo que ultrapassava os limites da compreensão humana. E agora, eu estava presa nesse pesadelo, sem saber como escapar ou o que fazer a seguir. A sensação de desamparo era avassaladora, e eu me sentia como uma marionete nas mãos de forças além do meu entendimento.

A mais estranho que era minha mãe mesmo. Não era minha mãe de um universo paralelo, transformada em um monstro. Era a minha mãe com muito sofrimento, ódio e rancor.

Eu perguntei o motivo de me tratarem assim, mas meu pai perguntou: “Você não sabe, né, sua puta?”.

Eu comecei a chorar muito, até que ouvi sons vindos da cozinha. Chamei por minha irmã: “Bia! Bia, sou eu, vem cá!”.

Só que, da cozinha, veio o meu cachorro. Estava praticamente sem pelos, com um olho cego e sem uma pata. Veio triste e tentou se aproximar de mim, mas minha mãe o interceptou antes e falou:

auramentum



- Não, ele é nosso! Só nosso! A gente vai continuar comendo ele devagar, vai dar pra pelo menos mais uns 5 dias.

Eu fiquei horrorizada e perguntei sobre a Maria Beatriz, a Bia. Minha mãe respondeu:

- Você não sabe mesmo, sua vaca? Ela morreu. Ela já ia morrer mesmo. Tava doente e magra, mas aí levaram ela lá pro culto e ficaram com ela lá.

Em prantos, eu perguntei definitivamente o que estava acontecendo. Minha mãe falou algo assim, Luciano:

- A gente tá esperando você há anos. A gente sabe que foi você. Todo mundo do mundo sabe. Quando você leu o tal pergaminho, todo mundo no mundo sentiu. Você fez isso com a gente, Samanta!

Eu entendi, mas não acreditei. Só de eu ter lido uma revista, o mundo tinha sido amaldiçoado? Eu devia estar sonhando, delirando. Então, questionei quanto tempo tinha se passado, que ano era aquele.

Meu pai falou que era 2023 mesmo. Eu respondi que era impossível porque eu tinha lido a tal revista no metrô no final de 2023. Então, meu pai tentou me explicar algo que, até hoje, para mim, é o paradoxo dos paradoxos.

Ele falou que, ao ler, eu fiz um pacto com um mundo horrível em nome de todo o planeta. Eu, como ser vivente no planeta Terra, dei autorização para os mundos se fundirem e se tornarem um só. E, ao fazer isso, eu não mudei o presente e o futuro, mas 10 anos no passado. Isso mesmo. Tudo mudou retroativamente. Ele falou:

- Você desgraçou 10 anos no passado e acabou com o futuro. Não dá pra explicar mais que isso. E você não precisa entender. Todo mundo da Terra sabe que foi você, Samanta. A gente aqui tava só esperando você voltar. A gente vai levar você pra igreja, agora. Você precisa é orar.

Eles queriam fazer algum grande mal a mim, como fizeram com a minha irmã nesse tal culto. Então, gritei com ódio e saí correndo para a rua.

O cenário diante de mim era pior que apocalíptico. A rua estava completamente devastada, com escombros por todos os lados e uma enorme cratera que se abria na casa do vizinho. Apesar de ser final de tarde, a luz era fraca e sombria como a noite, filtrada por nuvens escuras e pesadas que pairavam ameaçadoramente sobre nós.

O céu era povoado por aves estranhas, criaturas sinistras que voavam em círculos, como se estivessem à espreita de alguma presa invisível. Na rua, pessoas assustadoras se moviam em meio aos destroços. Elas estavam encurvadas, envoltas em mantos de algodão sujo que balançavam ao vento como se fossem feitos de chamas e seus olhos, da cor da chama de uma vela, tremulavam como se estivessem prestes a se extinguir.



vincilux

Cada detalhe desse mundo distorcido e assustador parecia saído de um pesadelo terrível, mas eu sabia que era realidade. Eu estava presa nesse inferno surreal, sem saber como cheguei ali ou como poderia escapar. O medo me dominava, enquanto eu lutava para compreender o que estava acontecendo ao meu redor.

As pessoas ou coisas vivas na rua me viram e apontaram pra mim, todos sabiam que eu era a culpada. Esperavam por mim, para me punir. Pegaram pedaços de pau e coisas no chão e vieram em minha direção, mas eu não consegui me mexer de medo. Então, meus pais saíram da minha casa e gritaram para todos:

- Olha ela aí, a vadia voltou! É tudo culpa dela, peguem ela e, de agora em diante, deixem a gente em paz! A culpa nunca foi nossa! Parem de nos torturar!

Meus pais tinham sofrido horrores nesses 10 anos por minha culpa. O mundo todo os castigava.

Então, eu saí correndo, Luciano, no sentido oposto das pessoas enfurecidas. O mundo estava diferente, mas, ao mesmo tempo, as referências que eu tinha se mantinham iguais.

Fui em direção à casa da Priscila, uma das minhas melhores amigas, que ficava no quarteirão de baixo. Era óbvio que Priscila, se estivesse viva, também deveria estar com ódio de mim. Mesmo assim, lá eu poderia me esconder e tentar explicar. Se alguém me compreendia mais que meus pais, esse alguém era a Pri.

Os seres e meus pais não conseguiam correr. Eles apenas caminhavam. Eram lentos e cansados. Eram estragados.

Todo o bairro estava muito escuro. Aqueles pássaros estranhos, grandes e borrachudos me acompanhavam na fuga, torcendo pelo meu pior. Torcendo para se alimentarem da minha carcaça.

Em uma calçada, vi algumas pessoas sentadas em transe. Pareciam usuários de drogas, mas tinham a mesma aparência sobrenatural da maioria. Eles me viram, mas pareciam não terem força para se levantar e me agredir. Um deles falou: “É ela! A que ferrou com o mundo!”.

Outro deles, porém, falou algo intrigante. Ele disse:

- Hey! Eu vi o seu relato em um canal do Youtube! Espera!

Eu parei por um segundo e olhei para ele. Esse rapaz vestia um moletom e sua aparência não era semelhante à dos outros. Era ruim, mas ele ainda não estava totalmente transformado. Minha suspeita se confirmou quando ele falou:



veridusco

- Eu cheguei aqui acho que tem três dias! Doidera isso aqui, né? Fica tranquila que você vai sair, se eu me lembro bem!

Com a proximidade dos meus perseguidores, abandonei-o lá e corri. Topei com uns seres que eram para serem cachorros, mas não eram. Eram amálgamas, deformidades, misturas com gatos e ratos. Em algumas esquinas, havia uns homens que se pareciam monges. Estavam de túnicas e não dava para ver seus rostos. Seguravam varas ou cajados enormes com ganchos na ponta.

Quando eu passava por esses homens, eles entoavam uns cânticos esquisitos que me lembravam os pensamentos intrusivos que tive ao ler a revista Finistrum.

Chorei muito e rezei. Perdi as contas do quanto pedi para Deus me despertar, até que cheguei no sobrado da Priscila. Estava tudo escuro. o portão da frente estava derrubado e as paredes pichadas e quebradas. Invadi antes que os meus perseguidores me alcançassem e vissem onde entrei.

A sala da Pri estava uma bagunça. Tudo quebrado. O cheiro de podre era fortíssimo. No meio da sala, eu vi algo que parecia um corpo, mas não dava pra ter certeza porque tinha sido esmagado contra o chão por algum objeto há muito tempo. Estava seco e macetado contra o piso, completamente desidratado pelo tempo. Na hora, reconheci que aquele devia ter sido, um dia, o pai da Priscila.

Chamei por ela chorando e pedindo socorro. Temi que ela estivesse morta. Corri a casa dela toda na parte de baixo e não a achei, então, fui para o andar de cima. No quarto da mãe dela, ouvi alguém tossir. Corri até lá e, nas sombras, escondida, estava a Priscila, minha amiga. Ela estava agachada e coberta com um edredom.

Eu cheguei e falei que era eu. Pedi ajuda pra ela. Perguntei o que tinha acontecido com o mundo e que ela tinha que confiar que eu não tinha culpa.

A Priscila estava com a voz super doce. Ela respondeu que estava me esperando e que sabia que eu voltaria. Que elas precisavam fugir porque as pessoas eram muito ruins e que o inferno tinha subido pra Terra. Ela explicou que, numa hora pra outra, todo mundo começou a se lembrar de que há 10 anos, em 2013, o inferno se manifestou na alma do mundo. Todo mundo ficou como se fosse possuído. Ninguém escapou. O mundo se tornou maligno, cruel e egoísta ao extremo. Todos os mais fracos foram devorados. Não havia mais amor, piedade, perdão, caridade ou carinho. Não havia mais sociedade e só se dava bem quem destruísse o outro.

Eu só conseguia pedir perdão para Priscila. Chorei muito e fiquei feliz de ela me entender. Nessa hora, sugeri que a gente pegasse o carro do pai dela e fôssemos pra casa da Bárbara, nossa amiga.

Priscila me explicou que, desde 2013, coisas elétricas, eletrônicas e movidas a combustão em geral passaram a funcionar de maneira diferente. Às vezes, nem funcionavam. Ela explicou que a ciência tinha mudado. As regras eram outras. Tudo de ruim, agora, era a lei. Tudo parecia mais sobrenatural e criaturas estranhas tinha tomado seu lugar no planeta. Provavelmente, segundo Priscila, o carro de seu pai nem funcionaria.

temporatio



Eu insisti pra gente procurar pela Bárbara, mas a Priscila falou que não precisava mais, porque em 2013, as forças sobrenaturais já tinham resolvido isso.

Ela falou algo do tipo:

- Foi a única coisa boa que as forças sobrenaturais fizeram, Samanta, veja...

Então, Priscila arrancou o cobertor e se levantou, ficando em pé.

- Samanta, as forças sobrenaturais me juntaram com a Bárbara, veja. Agora, a gente é feliz porque somos uma só e você poderá se juntar com a gente também!

Luciano do céu! A Priscila tava costurada com a Bárbara! De verdade! Mas a Bárbara já tava toda roxa, estranha, mas parecia que respirava. As duas estavam com as cabeças juntas, derretidas, grudadas. Pra você ter uma ideia, as duas cabeças juntas somavam três olhos. Um olho de uma ponta era da Priscila. O outro olho, da outra ponta, era da Bárbara e, no meio, tinha um olho escuro, largo, malformado que misturava as íris das duas. Só de lembrar, já me dá ânsia.

E o corpo delas também estava mesclado, mas não de uma maneira bonita, harmônica e simétrica. Parecia que dois bonecos de massa mole tinham caído no chão, um sobre o outro.

Um dos três braços e meio desse ser segurava um martelo. E a Priscila falou:

- Meu pai não gostou de eu me juntar com a Babi. Acho que ele não aceitou a nossa união. Por isso, a gente deu um jeito nele, Samanta!

Eu gritei, comecei a rezar alto e saí correndo. A Priscila ainda falou, como último recado:

- Não fica rezando essas obscenidades aqui, não, Samanta. O pessoal da igreja é muito rigoroso com heresia!

Essa última frase tinha a voz mesclada da Priscila e da Bárbara. Tenho pesadelos com isso até hoje.

Bom, eu corri da casa dela e pensei: “vou me jogar naquela cratera perto da minha casa. ou eu acordo ou eu morro”.

Saí na rua e notei que as criaturas que me perseguiam não estavam por lá. Voltei andando, devagar, nas sombras. Eu não queria ser vista.

Só que fui. Eu tinha me esquecido daquelas pessoas sentadas na calçada que pareciam usuários de drogas. Aquele menino de moletom que disse ter chegado há uns três dias me viu e se levantou. Ele veio até mim e falou que o nome dele era Gabriel. Então, quis confirmar: “E o seu é Samanta, né?”.

lucidatus



Confirmei e ele disse:

- É sério, você já mandou o seu relato para um canal de Youtube. Eu juro que ouvi. Mas foi lá pra 2023 ou 2024. Não sei.

Eu estava confusa. Ele me puxou para um canto mais escuro da rua e falou:

- Eu vim pra cá em 2024, mas aqui, dizem ser 2023. E eu me lembro que você desgraçou o mundo em 2013. Não é engraçado? Eu estou com duas memórias conflitantes. Ao mesmo tempo que tenho dó de você, também tenho muito ódio!

Chorei muito. Aquele menino era a única prova real, a única pessoa mais ou menos boa que eu encontrei. Pedi pra ele me ajudar e ele falou algo assim:

- Sim, sim, eu me lembro do relato que contaram no Youtube. Você contou que encontrava um rapaz chamado Gabriel, pedia ajuda e ele ajudava. Sim, esse sou eu! Acho até que foi por isso que você mandou seu relato, pra me avisar sobre alguma coisa. Na verdade, vou te ajudar agora, sim...

eu senti uma pontinha de alegria e esperança nesse minuto. então, ele era a prova viva de que eu conseguiria sair. mas, ele também poderia ser um paradoxo. ele poderia se lembrar de algo que não iria acontecer mais. afinal tudo ali era maluco e não tinha lógica.

Gabriel, então, me explicou algo assim:

- O jeito é você ir até a tal igreja. Não tem jeito. Você vai lá e tem um portal atrás do altar que só você consegue passar.

Eu não entendi o motivo de ele ou de outros não conseguirem passar, mas confiei em suas palavras. Não tinha escolha.

Perguntei onde ficava a igreja e Gabriel falou que não sabia, mas que ia procurar comigo. Ele disse que lembrava poucos detalhes do meu relato. Concordei em procurar, mas eu estava com muito, muito medo.

Andamos devagar. Tentei me lembrar onde poderia ter uma igreja no meu bairro, mas nem precisamos procurar, no final da minha rua dava pra ver, lá longe, um galpão grande, largo, alto parecendo uma enorme caixa preta com um tipo de um anzol ou gancho vermelho pintado nele.

No telhado dessa caixa tinha uns 5 daqueles monges com túnica segurando uma vara.

Fui com o Gabriel até lá. Todo o tempo, eu perguntava o que ia acontecer, mas ele não se lembrava. No caminho, vi coisas tão horríveis, Luciano, coisas tão obscenas que prefiro nem lembrar.

Chegamos ao tal edifício ou igreja. Havia uma portinha no meio. Eu tava morrendo de medo de ir até lá porque eu lembrava que minha irmã tinha sido devorada lá.

celestalium



Fomos devagar até perto da entrada, tentando nos esgueirarmos para não nos verem. Quando chegamos há alguns metros da portinha, senti muito medo e avisei ao Gabriel que não ia ter como eu entrar lá. Dava pra ver que tava tudo escuro e cheio de gente gritando, orando e se torturando. Era como um pedaço de um inferno cego.

Nesse momento, Gabriel só me pediu desculpas. Eu não entendi no momento, mas, depois, atrás de mim, estavam meus pais, uns quatro daqueles monges e umas dez daquelas pessoas feias daquele lugar. Sorriam.

Gabriel me segurou com força e me entregou para meus pais. Comecei a me debater e a chorar. Pedi pelo amor de deus, mas Gabriel falou algo assim:

- Eu lembro bem, Samanta, não esquentar. Vai dar tudo certo pra você. Eu é que me ferri e vou morrer aqui, mas, talvez, dê pra evitar. Quando voltar, conte a todos. Deixe bem claro no seu relato que meu nome é Gabriel e eu estou de moletom. Diga que eu vim pra cá um dia que eu estava sozinho, perto das onze da noite, enquanto caminhava por uma praça e pensava em Setealém. É isso!

Luciano, nesse exato segundo, surgiram do meio das pessoas, a horrível deformidade Priscila / Bárbara. Elas agarraram Gabriel e o deitaram no chão. Elas dividiam uma boca e meia em sua deformidade e, mesmo assim, com as arcadas dentárias misturadas, morderam fundo o pescoço de Gabriel e ficaram lá, devorando-o. Ele somente se debateu, sem gritar.

Comecei a chorar e desisti. Queria que tudo acabasse logo. Aqueles malucos me arrastaram no chão pelos cabelos. Doeu demais. Fui levada pra dentro da igreja. Nessa hora, roguei pra Deus me levar. Fui arrastada naquele chão cheio de coisas muito, muito nojentas e obscenas até perto do altar. Nesse doloroso trajeto, vi imagens inexplicáveis e ouvi sons assustadores. O odor, por si só, era insuportável.

Nesse momento, pensei: “Pelo menos, Gabriel disse que tem um portal atrás do altar. Essa pode ser a minha chance!”. Deduzindo que eu tava entregue, meus captos relaxaram um pouco e eu me aproveitei para me levantar e correr para trás do altar em busca de um portal.

Não havia portal e era exatamente isso que eles queriam que eu fizesse, Luciano.

Atrás do altar tinha algo gigante. Algum ser humanoide e desconhecido. Essa criatura me segurou, como deve ter feito com a minha irmã algum dia no passado e, lentamente, com lentas e dolorosas mordidas, devorou meu corpo membro a membro.

Gritei e senti toda a dor. Meus pais riam, todos os presentes vibravam e os monges comemoravam erguendo seus ganchos.



malgaroth

Fui desperta por dois seguranças do metrô. Fui socorrida porque, aparentemente, eu estava tendo um ataque parecido com o epilético. Estranhamente, já estávamos próximos à última estação da linha, muito longe da estação Brigadeiro. Segundo eles, não houve informações de meu mal-estar até então, como se eu tivesse sumido durante a viagem e reaparecido no final do trajeto. Bom, essa é a minha teoria.

Fui para a minha casa incrédula. Não havia sonhado ou delirado. Tudo havia sido real.

Desde então, algumas pessoas do meu convívio e algumas desconhecidas, quando me veem, dizem que se lembram de mim e de algo ruim ligado à minha pessoa.

Eu mandei esse relato para vários canais, mas analisando os relatos que você conta, esse tem mais a sua cara. Estou lhe enviando isso na esperança de salvar Gabriel, se ele for mesmo real.

Não há sinal da revista naquela banca. Lá, ninguém se lembra dela e nem de terem colocado o exemplar na minha sacola. Ninguém viu a revista no vagão do metrô também.

Isso tudo foi real e eu tenho marcas físicas para provar. Meus pais dizem que se lembram de coisas assustadoras e eu tenho certeza de que muita gente no mundo pode lembrar levemente de o planeta ter ido para uma realidade paralela. Algumas pessoas podem estar compartilhando memórias conflitantes sobre mim. Não é o seu caso, é Luciano?

Espero que nunca ninguém encontre aquela revista e, se encontrar, jamais leia.

Tudo o que foi dito aqui eu atesto como verdade.

Beijos,

Samanta.

nefralyx



COMPRA A SUA REVISTA SETEALÉM



CADA UMA CONTÉM
10 RELATOS
ILUSTRADOS, ARTE DO
LEITOR, DE 65 A 106



PÁGINAS, LINKS
PARA VÍDEOS
SECRETOS E MUITO
MAIS!



COMPRA AQUI

OUTROS LINKS PARA VOCÊ TRAZER O HORROR DE VOLTA

+RELATOS EM VÍDEO

<https://youtube.com/@setealem>



+RELATOS EM ÁUDIO

<https://open.spotify.com/show/4SkP4V4W4J1wOKZtPKHuGy>



+RELATOS EM TEXTO

<https://www.setealem.com.br/relatos>



ENVIE SEU RELATO

<https://forms.gle/ptvWhccEgcDBFPp8>



REVISTAS

<https://www.setealem.com.br/revista-setealem>



APOIE SETEALÉM

<https://www.apoia.se/setealem>



LOJA

<https://www.setealem.com.br/>



LINKS

<https://flow.page/setealem>



luciano@setealem.com.br



(11) 93962-8415

SETEALÉM

A GENTE TROUXE O HORROR DE VOLTA

WWW.SETEALEM.COM.BR